



Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
www.ubafupac.com.br

Concepção do professor frente às diversas formas de violência nas escolas estaduais de Ubá-MG

Ana Lúcia Batista de Souza Andrade – analuciaandrade12@hotmail.com

Luciana Barbosa da Silva – lubarbosa@yahoo.com.br

Priscila Alves Silva – priscilauai@yahoo.com.br

Gilson Soares Toledo – gilson.toledo@hotmail.com

Curso de Pedagogia
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá
Ubá - MG/Novembro/2015

Resumo

O presente trabalho se propõe a abordar a concepção do professor frente às diversas formas de violências presentes nas escolas estaduais da cidade de Ubá-MG, sendo um fenômeno cada vez mais frequente nos noticiários e no cotidiano das escolas brasileiras. Tem-se tornado um grande desafio a ser enfrentado pelos professores e por toda a comunidade escolar. A referida pesquisa tem como objetivo analisar diferentes concepções dos professores em relação a esse fenômeno. Trata-se de uma pesquisa de método qualitativo, sendo que no trabalho de campo, os dados foram coletados através de entrevista estruturada. A população foi constituída por professores das escolas estaduais da cidade de Ubá – MG, especificamente com docentes do 5º ano do Ensino Fundamental, contando com uma amostra no total de treze entrevistados. A partir da análise realizada, os resultados mostraram que os professores reconhecem a violência como sendo qualquer forma de agressão, seja ela verbal, física ou psicológica. Cerca de 61% dos entrevistados já sofreram violência verbal por parte de algum aluno, e tomaram atitudes diversas naquele momento. Todos os professores reconhecem a importância de trabalhar com esse tema na escola visando amenizar as atitudes violentas, porém não existem projetos específicos. Trabalha-se portanto, de forma interdisciplinar ou assistemática. Além desses aspectos verificou-se que as escolas tentam resolver as questões voltadas para violência tanto intraescola quando nas ações extraescolares.

Palavras-chave: Escola. Violência. Professor. Alunos.

Abstract

This study aims to evaluate the teacher's conception front the various forms of violence present in state schools in Ubá-MG. This problem shows increasing frequency in the news and the daily lives of Brazilian schools. Moreover it has become a major challenge experienced by teachers and the whole school community. Such research aims to analyze different teacher's conceptions about this phenomenon. It is a qualitative study, and in the field job the data were collected through a structured interview. The population consisted of teachers of state schools in Uba - MG, specifically with teachers of the 5th year of elementary school, with a sample total of thirteen respondents. From the analysis performed, the results showed that teachers recognize violence as any form of aggression, whether verbal, physical or psychological. About 61% of respondents had experienced phonall violence by a student, and took various attitudes at the time. All teachers recognize the importance to work this theme in school to soften the violent attitudes, but there are not specific projects. The work is therefore interdisciplinary or unsystematic way. In addition to these aspects it was found that schools try to solve the issues facing violence both within the school when in more curriculum activities.

Key-words: School. Violence. Teacher. Students.

1. Introdução

A violência não é um fenômeno recente, ela acontece desde o início dos tempos. Segundo Odália (1985, p. 13), “o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces.”

No Brasil, por ser um país com grande diversidade racial, cultural e de gênero, ainda percebe-se constantes manifestações de intolerância frente ao que é diferente. Segundo Schilling (2010), somos um povo que sofre com a violência, seja ela no ambiente doméstico, no trabalho, nos órgãos públicos, contra a mulher, criança, idoso, pessoas que possuem necessidades especiais, desempregados, pessoas que passam fome, entre outras situações.

De acordo com Lucinda, Nascimento e Candau (2001, p. 38), a sociedade está passando por uma “anorexia moral”, uma vez que há um “descompromisso causado pelo sentimento individual de apatia em relação a vida social, na ausência de utopias, na perda do sentido de viver, na falta de solidariedade, na ausência de parâmetros definidos sobre o que é certo e errado.”

Nesse sentido, percebe-se que a violência nas escolas tem se tornado destaque nos dias atuais, podendo se expressar de múltiplas formas e ser compreendida de diversas maneiras. Esta reflexão será feita neste trabalho, especificamente no que tange ao ambiente escolar. Numa primeira análise, Charlot (2002) diz que existem diferenças em relação às violências que ocorrem nas escolas. Para este autor, a violência na escola é aquela que ocorre dentro do ambiente da própria instituição, sem muitas vezes estar ligada às atividades da mesma, como por exemplo, as brigas que tiveram início em outros locais e acabam sendo estendidas para esses espaços escolares, ou próximo a eles. Entende-se também que em alguns casos, “as galeras utilizam a instituição escolar como lócus para a solução de pendências com grupos rivais.” (LUCINDA; NASCIMENTO; CANDAU, 2001, p. 29).

Diferenciando os tipos de violência que ocorrem em ambiente educacional, Lucinda, Nascimento e Candau (2001, p. 30) dizem que a “violência à escola” ocorre contra a instituição de ensino em um ato de vandalismo, “como a quebra de louças das instalações sanitárias, o furto de lâmpadas e outros materiais, e as pichações, que caracterizam a depredação escolar.” Segundo Charlot (2002, p. 435), a violência “da escola” refere-se a atitude dos próprios educadores ou demais funcionários quando submetem os alunos a algum tipo de violência simbólica sem que estes muitas vezes percebam os “modos de composição das classes, de atribuição das notas, da orientação, das palavras desdenhosas dos adultos, dos

atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas.” Ainda sobre os tipos de violência escolar, Habigzang e Koller (2012, p. 187) afirmam que estes “episódios de violências externos e internos à escola têm gerado conflitos que se manifestam dentro da sala de aula, ou seja, no cotidiano de professores e alunos, prejudicando processos de ensino e aprendizagem.”

Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo analisar todas estas facetas da violência no que tange a percepção do professor frente a esse fenômeno. Pretende-se também identificar as formas de violências existentes nas escolas, pontuar qual o fator predominante que contribui para que esse tipo de comportamento ocorra, identificar quais são os tipos mais comuns de violência nas escolas e verificar quais são as práticas adotadas pelas escolas e professores para trabalharem contra o fenômeno da violência.

Acredita-se que a violência nas escolas tornou-se um grande desafio a ser enfrentado pelos professores, funcionários, famílias e alunos. A partir das leituras feitas para a elaboração desta pesquisa, percebe-se que as nuances de violência variam de acordo com as formas de manifestação da mesma. Sendo o professor o condutor do processo de ensino-aprendizagem, o mesmo, em certa medida, acaba por perceber como estas várias formas de violência se manifestam no espaço escolar e, desta forma, pode intervir de maneira mais efetiva.

2. Referencial Teórico

A escola, antes conhecida como um espaço seguro de aprendizagem, de socialização, de formação, de pensamento crítico e de desenvolvimento da autonomia, tem se tornado cenário de vários tipos de violências, deixando de ser um espaço resguardado dessa situação. Vários autores definem de diversas formas a categoria de análise **violência**. Sendo assim, optou-se por algumas destas definições.

Para Odália (1995, p. 86), por exemplo, “privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos.” Na definição de Habigzang e Koller (2012, p. 186), “uma ação agressiva passaria a ser considerada como violenta quando é fruto de um projeto voluntário intencional e destrutivo.” Enquanto para Abramovay e Rua (2002, p. 21), “[...] não existe consenso sobre o significado de violência. O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos, etc.), da idade e, provavelmente do sexo.”

De acordo com Charlot (2002, p. 437), pesquisadores franceses diferenciaram o conceito de violência, transgressão e incivilidade. Sendo assim, este autor analisa três tipos de violência, de forma mais específica. Primeiro, analisa que a violência refere-se a todo ato que infringe a lei. Esta infração pode ocorrer “através de lesões, extorsões, tráfico de drogas na escola, insultos graves [...]”, entre outros. Segundo, que a transgressão, refere-se ao não cumprimento do regimento escolar, a exemplo do “absenteísmo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc.” E, terceiro, que a incivilidade está ligada à falta de respeito com o outro, causando a desordem no ambiente, a exemplo dos “empurrões, grosserias, palavras ofensivas.” Estes são geralmente ataques cotidianos, muitas vezes repetitivos e atingem diretamente o direito dos professores, funcionários ou alunos. A este respeito entende-se que ocorre hoje uma crise no processo civilizatório, ressaltando três condições históricas que contribuem para que tal crise ocorra, sendo, portanto:

A centralização do poder através da constituição do Estado moderno, a codificação dos comportamentos, ou seja, a existência de regras comuns de comportamento social compartilhadas pelas pessoas e a adesão voluntária dos indivíduos à ordem civilizada. Recorre à perda ou enfraquecimento tais condições, para explicar esta crise atual do processo civilizatório (LUCINDA; NASCIMENTO; CANDAU, 2001, p. 36-37).

Pelo que se percebe a violência tem um sentido muito mais amplo uma vez que está presente nos dias atuais em vários espaços, classes sociais, etnias, faixas etárias ou épocas históricas diferentes e nesse sentido, manifesta-se e classifica-se também de diversas formas. Sendo assim, faz-se necessário eliminar certos estereótipos sociais a respeito da violência. Contribuindo com esta análise, Habigzang e Koller (2012, p. 188) dizem que “[...] é importante desconstruir o estigma acerca do binômio ‘pobreza e violência’ ou ‘pobreza gera violência’, pois ela não deve estar vinculada somente a pobreza.” Sobretudo, Camacho (2001) entende que violência não está ligada apenas a uma única classe social. Portanto, é um erro pensar que só há um fator determinante para que a violência ocorra, como por exemplo a origem econômica ou social. Neste sentido, Abramovay e Rua (2002)¹ ressaltam que “As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola-lugar de

¹ Míriam Abramovay, é professora da Universidade Católica de Brasília, vice-coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas no Brasil e consultora de vários organismos internacionais em pesquisas e avaliações nos temas: juventude, violência e gênero.

sociabilidade² positiva” (aprendizagem de valores éticos de formação de espíritos críticos). A este respeito ainda, Abramovay e Rua (2002, p. 41) dizem que:

A escola, embora seja vista como chave de oportunidades para uma vida melhor, pode ser, também, local de exclusão social. Ou seja, pode discriminar e estigmatizar, marginalizando o indivíduo formal ou informalmente, nos seus direitos de cidadania e no seu acesso às oportunidades de estudo, profissionalização, trabalho, cultura, lazer, entre outros bens e serviços do acervo de uma civilização (ABRAMOVAY, RUA, 2002, p. 41).

Segundo Costa (2003), a noção de violência é encontrada em variados contextos, podendo ter diferentes sentidos e variar de acordo com o aspecto ao qual se encontra. Para Abramovay e Rua (2002, p. 24-25), faz-se necessário entender os tipos de violência que ocorrem nas escolas e, para além disso, deve-se levar em consideração as características do aluno no interior desta instituição (chamados de “variáveis endógenas”) tais como: idade, série, nível de escolaridade, regras, disciplinas e comportamentos dos professores, e também aspectos relacionados ao exterior (“variáveis exógenas”), sendo observados os diferentes gêneros, situação familiar, influência dos meios de comunicação (rádios, TV’s, internet, revistas, jornais entre outros), além da influência da localização geográfica.

Portanto são vários os fatores que podem estar relacionados a este fenômeno, existindo diversos tipos de violências e cada uma delas possuem significados também diferentes. Desta forma, faz-se necessário analisar e entender os variados conceitos, categorias analíticas e termos científicos sobre violência para que, diante deste conhecimento, professores e especialistas da escola busquem efetivar intervenções mais adequadas.

3. Metodologia

O método de investigação utilizado nesta pesquisa foi o qualitativo que, segundo Jung (2004), este “tem a finalidade de representar os indivíduos ou objetos e suas relações para a formulação de um modelo interativo, admite-se a interferência do pesquisador e considera a existência de uma realidade diversa.” Ainda sobre este método de pesquisa, Marconi e

² O conceito de sociabilidade presente nesta pesquisa refere-se às formas e conteúdos presentes nas relações sociais. Estas surgem e funcionam no *estar com o outro, ser contra o outro, etc.* A este respeito ler a relação entre *Sociabilidade e Habitus* no cap. 5 do trabalho de Toledo (2012), Produtores integrados na Zona da Mata Mineira: uma análise sobre as novas formas de sociabilidade rural, presente na referência bibliográfica. Neste capítulo o autor relaciona as reflexões de Bourdieu e Simmel no que tange aos resultados e processos de construção construídos a partir das interações sociais.

Lakatos (2010) entendem que é necessário utilizá-lo quando se requer um estudo mais detalhado e minucioso sobre determinado objeto de pesquisa, neste caso possibilitando uma análise mais fina e subjetiva desse objeto. Também se utilizou o método hipotético dedutivo que, segundo Marconi e Lakatos (2010) refere-se ao tipo de pesquisa que parte diretamente do problema, para que assim surjam interferência de hipóteses e contestações. Para cada hipótese de pesquisa haverá um referencial teórico adequado para tentar respondê-la.

Em relação às finalidades da pesquisa científica, enquadra-se como aplicada. Marconi e Lakatos (1996) citam que esta é voltada à prática e são aplicadas posteriormente na resolução de problemas que ocorrem na realidade. Trata-se também de uma pesquisa de caráter descritivo e, de acordo com Gil (2010), tem o objetivo de descrever as características da população em estudo, podendo ser identificadas relação entre algum tipo de variável.

As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis. São em grande número as pesquisas que podem ser classificadas como descritivas e a maioria das que são realizadas com os objetivos profissionais provavelmente se enquadra nesta categoria (GIL, 2010, p. 27).

Uma vez que a proposta deste trabalho foi analisar a percepção dos professores sobre a violência, optou-se por instrumentos de pesquisa que permitissem o contato com os sujeitos participantes e, a partir deles, se efetivassem as análises. Desta forma, elegeu-se a pesquisa de campo como ação de pesquisa a fim de se realizar a coleta de dados, procurando mesmo em pouco tempo, de forma não-participante, dar conta de como os professores percebem a violência no espaço escolar.

O trabalho de campo, portanto, fez-se essencial e necessário a fim de colher os dados que foram compilados e transformados em tabelas, gráficos, além das análises que favoreceram melhor compreensão da realidade observada. De acordo com Jung (2004, p. 160), “o pesquisador deve levar em conta a existência de variáveis”. Neste caso, também buscou-se dar atenção a este critério técnico de análise, sobretudo realizando comparações, relações e confrontamentos que enriqueceram esta trabalho, evitando assim possíveis equívocos.

A população estudada englobou as escolas públicas estaduais da cidade de Ubá-MG, constituindo um total de 19 (dezenove) instituições. A amostra da pesquisa por sua vez contou especificamente com escolas que possuem o Ensino Fundamental I, sendo que somente 13 (treze) instituições possuem este seguimento de ensino. Porém 8 (oito) escolas participaram

desta pesquisa, contando com a participação de 13 (treze) docentes. O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista estruturada. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 180), esta se define como “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas aos indivíduos são predeterminadas.” Os fatores de inclusão por sua vez, foram os professores que atuam nos 5º anos das escolas estaduais de Ubá e os fatores de exclusão são os demais professores da rede estadual que não fazem parte dessa pesquisa.

A entrevista foi organizada em três grupos de perguntas levando em consideração: 1) Aspectos profissionais; 2) Percepção do docente frente à violência e 3) Ações da escola, dos professores e das famílias quanto ao tratamento das questões de violência em ambiente escolar. A entrevista foi gravada e esta ação foi devidamente autorizada a partir do reconhecimento e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

A partir dos dados coletados, empenhou-se em compilar as informações adquiridas. Em seguida foram concomitantemente interpretadas e analisadas. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho dos entrevistados. A amostra contou com 4 (quatro) docentes da Escola 1, 2 (dois) docentes da Escola 2, 2 (dois) da Escola 3, e 1 (um) docente de cada uma das demais escolas, a saber: Escola 4, Escola 5, Escola 6, Escola 7 e Escola 8, todas da cidade de Ubá/MG. Para melhor entendimento e manipulação das informações obtidas na coleta de dados, fez-se necessário a elaboração de uma tabela contendo todas as respostas dos participantes organizada através de blocos de perguntas. Os dados foram analisados de acordo com as bibliografias disponíveis, e os resultados tornarão conhecidos ou serão publicados em ambientes acadêmicos, como, arquivos na biblioteca da FUPAC e demais oportunidades para publicação de trabalhos científicos. Serão entregues nas escolas que participaram da pesquisa cópias impressas do trabalho, a fim de cooperar com reflexões posteriores frente ao avanço da violência em ambiente educacional.

O presente artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos propostos pela Comissão Nacional da Saúde (Resolução CSN nº 466 de 12/12/2012).

4. Resultados e Discussão

Buscando atender os objetivos do estudo, analisou-se a percepção de 13 (treze) professoras de 8 (oito) escolas da rede pública estadual do 5º ano do Ensino Fundamental I, localizadas em bairros distintos no município de Ubá, as quais atendem às populações com características socioeconômicas bem diversificadas.

Visando a análise realizada a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, foram criados grupos de respostas que foram analisados principalmente sob a perspectiva teórica de Lucinda, Nascimento e Candau (2001), Abramovay e Rua (2002), Debarbiex e Blaya (2002), Perrenoud (2002), Abramovay et al. (2005), CEIEVCCA (2005), Schilling (2010), Habigzang e Koller (2012) e Parente, Do Valle, Ribeiro e De Matos (2015).

4.1 Universo da Pesquisa

A coleta de dados foi realizada em escolas estaduais da cidade de Ubá/MG, especificamente com professores das turmas de 5º ano do Ensino Fundamental I. As escolas pesquisadas, localizam-se em bairros distintos, com turmas que variam entre 18 a 30 alunos, sendo que estas atendiam as turmas do 5º ano do EF1 (Ensino Fundamental 1) no período vespertino.

4.2 Aspectos Profissionais

A pesquisa buscou conhecer a formação profissional e o tempo de atuação dos participantes, tendo em vista a necessidade de obter características mais particulares da atuação de cada um. O intuito era de, num primeiro momento, identificar aspectos do cotidiano que pudessem se constituir em dados importantes à pesquisa.

Primeiramente, foi perguntado aos participantes se de fato gostavam daquilo que faziam, ou seja, ser professor. A resposta foi unânime, disseram ser “apaixonados” pelo que fazem. Em certa medida, acredita-se que a falta de prazer pelo ensino ou pela escola, poderia causar reações tanto nos estudantes quanto nos docentes que favoreceria atitudes violentas por parte de um deles ou mesmo de ambos.

Diante da dificuldade natural de lidar com as diferentes situações de escola e de sala de aula, perguntou se apenas a formação acadêmica habilitava, de fato, para atuar em todas as situações da escola e da sala de aula. O resultado foi: 85% não e 15% sim. Diante dos vários

relatos, optou-se pelo da professora P10, onde disse que: “*Não, em todas não. Porque na faculdade a gente aprende só a teoria, na hora que chega na prática é muito diferente e não é de acordo com que eles ensinam pra gente lá. Muito complicado!*” Já a professora P8 disse: “*Todas as situações talvez não, mas na maioria das situações.*” A esse respeito, Perrenoud (2002) faz a seguinte análise:

Por isso, parece indispensável criar em cada sistema educacional um observatório das práticas e das profissões do ensino, cuja missão não seria pensar a formação dos professores, e sim oferecer uma imagem realista dos problemas que eles precisam resolver todos os dias, dos dilemas que enfrentam, das decisões que tomam, dos gestos profissionais que realizam. Essa defasagem entre a realidade da profissão e o que se leva em conta na formação provoca inúmeras desilusões (PERRENOUD, 2002, p. 17).

Nesta mesma perspectiva de reconhecimento da amostra de professores, levou-se em consideração o tempo de trabalho e atuação naquela escola que leciona e obteve-se o seguinte resultado:

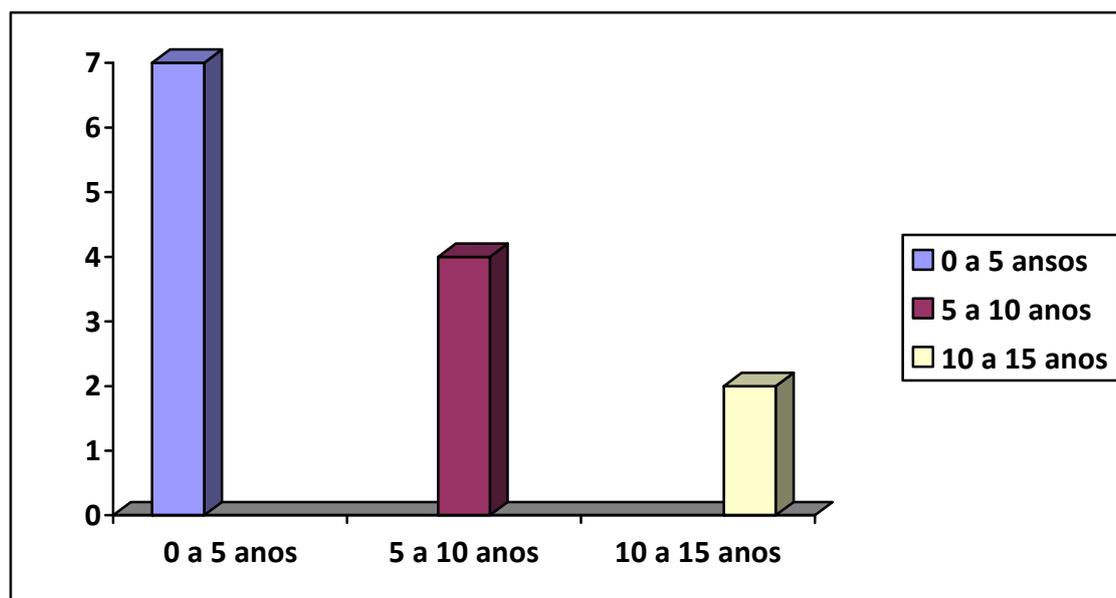


Gráfico I- Tempo de atuação na escola que leciona

Fonte: As autoras (2015)

Ainda a respeito de quanto tempo trabalham com turmas do 5º ano do EF1, obteve-se:

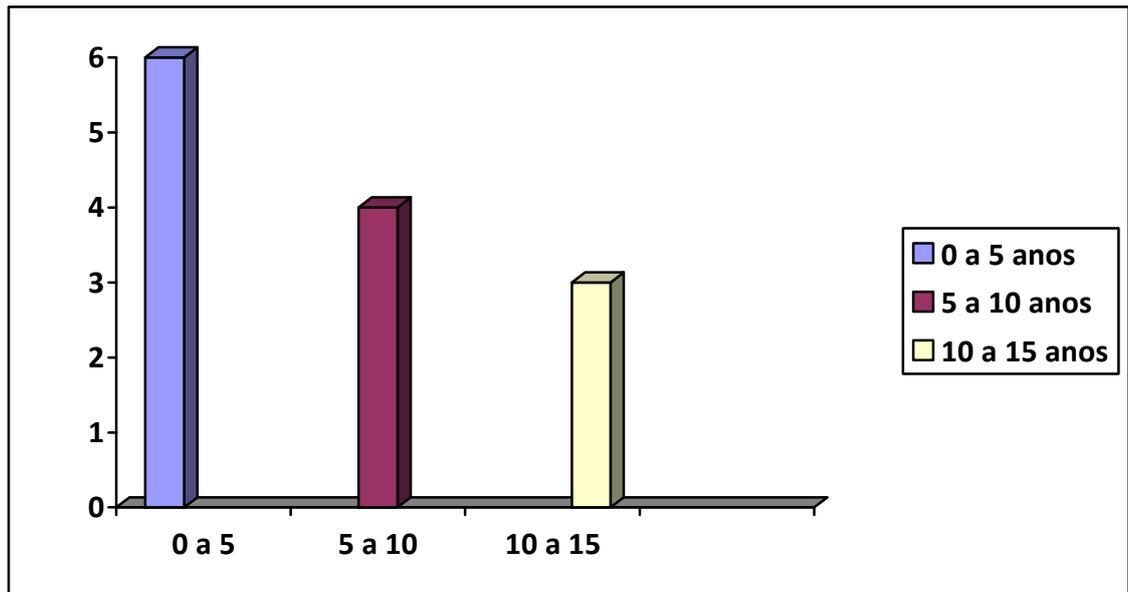


Gráfico II- Tempo que lecionam com turmas de 5º ano

Fonte: As autoras (2015)

Dos treze docentes entrevistados, a maioria está a mais de um ano na mesma escola, e destes, apenas dois disseram ser a primeira vez que trabalhavam com turmas de 5º ano. Em certa medida, é possível dizer que o tempo de atuação como docente e sobretudo na mesma escola, favorece reconhecer as características da cultura daquela escola e daquela comunidade, sendo este um fator importante para analisar as percepções daquilo que é ou não violência ao grupo de professores entrevistados.

Acredita-se também que a formação profissional em área específica, certamente favorece o bom desempenho da prática docente a fim de atuar nas mais diversas situações de sala de aula. Diante desta compreensão, obteve-se os seguintes dados:

Curso	Total de docentes
Pedagogia	7
Normal Superior	5
Letras	1

Quadro I- Formação dos docente

Fonte: As autoras (2015)

Levando em consideração tal enfoque, Parente, Do Valle, Ribeiro e De Matos (2015, p. 253) consideram que “os cursos de formação precisam garantir que o novo docente seja um competente profissional das inter-relações pedagógicas, psicológicas, políticas e também tecnológicas para a implementação das atividades de ensino e de aprendizagem.” Enquanto educador, deve-se pensar sobre aquilo que é definidor na formação docente e o que é preciso

ser considerado como, de fato, importante nesta formação. Isto é certamente necessário, haja vista a exigência da Lei, como pode ser visto abaixo:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996).

Ainda na expectativa de reconhecer o tempo de carreira dos docentes entrevistados, chegou-se aos seguintes dados:

Tempo de carreira	Docentes
0 a 5 anos	3
5 a 10 anos	4
10 a 15 anos	2
10 a 25 anos	4

Quadro II- Tempo de carreira docente
Fonte: As autoras (2015)

Em relação a carreira docente, Hargreaves e Fullan (apud GONÇALVES, 2009, p. 24), cita que é um processo tanto de formação pessoal quanto profissional do professor, que envolve “não apenas os conhecimentos e competências que o mesmo constrói na formação, mas também a pessoa que ele é, com todas as suas crenças, idiossincrasias e história de vida, e o contexto em que exerce a atividade docente.”

Portanto, é importante levar em consideração a formação do professor e o seu tempo de atuação, pois esses fatores são fundamentais. A preparação e experiência são indispensáveis para nortear sua ação nas diversas situações que ocorrerem na escola e no seu fazer diário em sala de aula.

4.3 Percepção do professor frente à violência

Segundo Abramovay e Rua (2002, p. 63), a violência pode se desenvolver diante de algumas situações específicas, tais como: sentimentos de medo, insegurança e, acima de tudo, uma incapacidade de agir frente a estes sentimentos. Este mesmo autor apresenta também diferentes conceitos de violência e, segundo ele, estes variam dependendo da forma como é interpretada e do contexto no qual se encontra. Neste sentido, destaca que “indivíduos e

grupos diferentes possuem concepções distintas do que é violento, o que é violência para um, pode não ser para outro.”

Diante do exposto, a referente pesquisa buscou portanto compreender o que o professor percebe como violência. De acordo com os dados obtidos foi observado que P1, P3, P4, P6, P7, P8, P10 e P11, têm como percepção qualquer tipo de agressão seja ela verbal, psicológica, física, virtual, entre outras. Corroborando com estes dados, Abramovay e Rua dizem que:

São muitos os tipos de violências analisados e considerados comuns. [...] delitos contra objetos e propriedades (quebra de portas e vidraças, danificação de instalações etc.); intimidações físicas (empurrões, escarros) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças); descuido com o asseio das áreas coletivas (banheiros, por exemplo); ostentação de símbolos de violência; adoção de atitudes destinadas a provocar medo (poder de armas, posturas sexistas); alguns atos ilícitos, como o porte e consumo de drogas (Dûpaquier apud ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 23-24).

Schilling (2010, p.14), também afirma que “Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos, acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica), a exigir respostas diferentes.” Para Debarbiex e Blaya (2002, p. 27), “aquilo que é considerado como violência não é passível de ser enquadrado no Código Penal, podendo, entretanto, ser subdividido em categorias úteis tais como ‘violência verbal’, ou, simplesmente, ‘atmosfera hostil’ ou ‘falta de respeito’.” (grifos dos autores). Para Abramovay e Rua (2002), pode-se chamar de incivildades ações que caracterizam-se pelas micro-violências, humilhações e falta de respeito.

Para P5 e P13, violência é tudo aquilo que os estudantes vivem lá fora e, de certa forma, reproduzem ou refletem dentro da escola. Neste sentido, Abramovay et al. (2005), dizem que o ambiente escolar já não é mais seguro e protegido, é um lugar onde também acontecem diversos tipos de violência assim como se manifestam na sociedade.

Uma vez que este fenômeno é múltiplo e variado, como dizem os autores acima, considerou-se importante observar se a escola desenvolve algum tipo de projeto ou intervenção que fomente discussões e apontamentos sobre o tema. Desta forma, foi questionado se os professores trabalham com o tema violência em sala de aula. P1, P10 e P11, disseram trabalhar principalmente em aulas da disciplina de Cultura Religiosa, através da transmissão de valores, reflexão sobre padrões éticos, etc., sendo que P10 e P11 aproveitam também outras situações como: conflitos em sala, situações de embate entre colegas, apelidos, etc., para tocarem no assunto. Já P2, P4, P5, P6, P7, P8, P12 e P13, relataram que sempre

partem da realidade dos alunos, dos assuntos trazidos do seu cotidiano para dentro da sala de aula para trabalharem com o tema violência. P3 afirmou que trabalha com textos de forma interdisciplinar. P9 assegura que tenta desenvolver nos alunos valores que apontem para a paz, focando somente no que é relacionado ao reforço positivo.

Parte dos entrevistados avaliam que a causa da violência manifestada nos estudantes hoje em dia é própria do meio onde vivem. Acreditam ainda que a família é a grande responsável pelas atitudes agressivas que ocorrem, por serem os orientadores e até mesmo referências do comportamento de seus filhos (P1, P2, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P12 e P13).

Nesse sentido, de acordo com P3, as atitudes violentas que os alunos manifestam é devido à *“falta de respeito. Eles recebem educação em casa, mas é muita inveja um do outro que acaba gerando a violência.”* De acordo com CEIEVCCA (2010, p. 97), a violência que ocupa lugar no interior das famílias tem intensa relação entre o agressor e o sujeito violentado, e possui forte relação também com o grau de parentesco.” Assim sendo, “as formas abusivas de relação que permitem a existência da violência” estão muito concatenadas com o espaço doméstico. Este espaço é indubitavelmente o local onde muitas “violações ocorrem e as justificativas que mais aparecem nas pesquisas é o uso da violência como medida educativa.”

De acordo com a resposta de P11, a estrutura da sociedade é a responsável pelas atitudes violentas que estão ocorrendo entre os estudantes, uma vez que esta se encontra em constante mudança, e como consequência as atitudes dos alunos também mudam. Esta fala está de acordo com Habigzang e Koller (2012, p. 187), quando afirmam que os altos índices de violência nas escolas estão “relacionados indiretamente ao uso de drogas e/ou à desestabilização da família, desemprego, individualismo exacerbado e uma consequente falta de solidariedade ou senso de coletivismo.” Para Schillign (2010, p. 14), “há dimensões da violência que deixam de ser invisíveis, há tipos de vitimização coletiva e individual que começam a ser vistos. Verifica-se a existência de conflitos coletivos, sociais, familiares que resultam em respostas violentas.” Neste sentido, observa-se que, de fato, existe forte tendência à adequação social, certa aproximação e padronização de um comportamento violento, possivelmente por identificação social.

Parte dos entrevistados disse já ter sofrido violência de algum aluno (61%). Destes, P1, P2, P5, P6, P7, P8, P10 e P11 relataram que já sofreram, em algum momento, violência verbal. Para Abramovay et al. (2005, p. 121), violência também são “consideradas incivildades, xingamentos, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar, discussões, que se dão muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola.”

Além da violência verbal, um professor entrevistado, P11, diz já ter sofrido também violência física.

Quando indagados a respeito de qual atitude foi tomada naquele momento, foram diversas as respostas, sendo que alguns professores preferiram não levar o problema para a direção e tentaram resolver por conta própria. P1 relatou ter devolvido a agressão verbal que recebera de um estudante. Apesar de não ser o comportamento mais adequado, Habigzang e Koller (2012, p. 186), analisam que:

A dificuldade em se perceber a diferença entre ações agressivas e violentas pode promover a repreensão inadequada dos alunos por parte dos professores e esses em função disso se comportam ainda de maneira mais agressiva, manifestando transgressões e gerando um ciclo vicioso de agressividade do qual participam alunos e professores.

De acordo com o docente P2, a atitude tomada no momento da afronta foi a de ter enfrentado o aluno, e ainda tentou não demonstrar medo como segue em sua fala: *“o menino que falou que ia me furar, eu virei pra ele e falei assim: fura mesmo! [...] se eu demonstrasse medo eu iria estar alimentando aquela vontade dele fazer isso, aquela violência nele.”* P3 e P8, disseram que *“naquele momento acharam melhor fingir que nada tinha acontecido”*, uma vez que não queriam *“comprar briga”* com alunos, pois temiam represálias. Diante do exposto, Habigzang e Koller (2012, p. 191), explicam que *“[...] os docentes, talvez por não saberem como lidar, ignoram ou negam aspectos emocionais do desenvolvimento dos jovens e o impacto destes no desempenho acadêmico e na socialização.”*

Diferente do que foi colocado anteriormente, P5, P10 e P13 preferiram levar o problema para a direção resolver. De acordo com P6 e P7, *“conversar de maneira muito sincera com os alunos naquele momento é a melhor opção”*, sendo assim, é melhor *“tentar resolver através do diálogo”*, disseram. P11, que já sofreu violência física e verbal por parte dos alunos, relatou que sente pena da criança, uma vez que em seu ponto de vista, ela não é culpada pela sua atitude, como podemos observar em sua fala: *“Eu tinha pena da criança, porque ele não tinha culpa de agir da forma que agiu, porque a família, a estrutura da escola, eu acho que é mais culpada que a criança.”* Estando de acordo com essa fala, Abramovay et al. (2005, p. 69), afirmam que a *“[...] deterioração da qualidade da educação e a falta de condições da escola, seriam em si um tipo de violência contra um direito de cidadania.”* Diante do exposto, pode-se concordar com os autores que a violência também pode ser incitada pelo meio social a partir de identificações.

Observou-se em todos os professores entrevistados o esforço em solucionar e agir sobre a questão da violência na escola, no entanto, aproveitando a análise de Habigzang e Koller (2012, p. 188), “atesta-se uma falta de orientação e formação desses profissionais no que se refere às questões normativas e não normativas do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes.” Apesar do pouco tempo de observação para esta pesquisa, acredita-se que esta seja uma das questões de grande importância a ser avaliada pelos professores e comunidade escolar. Faz-se necessário conhecer mais sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente a fim de lidar com esta faixa etária e intervir de maneira objetiva sobre a realidade a qual estão inseridos e, a partir deste conhecimento, intervir em seu comportamento violento na escola.

Quando questionados se as atitudes violentas são mais frequentes entre meninos ou meninas, P1, P2, P3, P6, P10, P11 e P13 disseram “*estar empatado*”. Nas palavras dos professores, “50%, há um tempo atrás, era mais de menino, mas hoje em dia o negócio tá ficando pro lado das meninas também. Tem muita menina difícil de lidar, tem menina que é até pior que menino, porque elas são atrevidas e elas batem de frente com a gente mesmo.” Abramovay et al. (2005, p. 184) ressaltam que “deve-se considerar o aumento da exposição à violência dos jovens de ambos os sexos”, uma vez que há uma falência na comunicação, e como consequência ocorre esses atos violentos. Apesar dos dados expostos, P4, P5, P7, P8, P9, e P12 afirmaram que as atitudes violentas ainda são mais frequentes entre os meninos.

Em relação aos tipos mais comuns de violências praticados por alunos do sexo masculino, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12 e P13 (portanto, 100%), concordaram que essas ações têm início com uma agressão verbal e logo em seguida partem para a agressão física. Nesse sentido, é possível entender que:

Agridir fisicamente o outro, “dar porrada”, é uma estratégia de um código de conduta que trabalha especialmente com duas idéias, opostas porém complementares: é honroso bater, enquanto apanhar seria assumir o papel do mais fraco. [...] A maior auto-identificação como agressor se orienta por um princípio de masculinidade e de heroísmo que dignifica o forte, o que bate, o que agride e em contrapartida estigmatiza o fraco, o que apanha, quem é agredido, ou seja, uma história em que há mais “bandidos” do que vítimas” (ABRAMOVAY et al., 2005, p. 173-174).

Pode-se observar através da análise de uma das respostas obtidas que, segundo P1, “*cada menina age de um jeito em relação a algum desentendimento com um colega.*” E ainda que “*é muito relativo, depende da menina. Têm umas que agriDEM, outras que choram por serem ofendidas e etc.*” P2, P6 e P9 relataram ser mais comum a violência física. Já P3, P5, P7, P8, P10, P11, P12 e P13 concordam serem frequentes a violência verbal, e para P4, não

existe violência por parte das meninas uma vez que “*elas são muito mais calmas.*” Breines et al. (apud ABRAMOVAY et al., 2005, p. 74) citam que “no plano de agressões verbais e outras, que não apelarem necessariamente para agressões físicas e para o uso de armas, as mulheres podem se destacar.”

4.4 Ações da escola, professores e família quanto ao tratamento das questões de violência no ambiente escolar

Ao verificar como a escola reage em relação às questões que envolvem violência na escola aos professores, P1, P2, P3, P5, P6, P7, P8, P9, P12 e P13 relataram que a escola tenta resolver as situações de violência que ocorrem dentro dela através do diálogo com os alunos e, quando necessário, os pais são acionados. Lucinda, Nascimento e Candau (2001) citam que

Construir um ser social dotado da capacidade de falar, de expressar seus sentimentos através da palavra, e não de atos violentos, dotar este ser de “eloquência”, dar voz ao aluno constituem certamente, papel da escola na difícil tarefa de enfrentar as situações de violência no cotidiano escolar (LUCINDA; NASCIMENTO; CANDAU, 2001, p. 74)

No entanto docentes afirmam que muitas vezes a escola finge não enxergar. Isto pode ser visto no relato de P10, quando disse que: “*A maioria das escolas tenta esconder o problema, [...] porque elas têm medo de perder aluno, não querem que os outros pais fiquem sabendo porque se um pai de um menino bom ficar sabendo eles tiram o menino da escola, muitas vezes quando o professor é agredido eles não deixam que a polícia seja acionada.*” P11 disse que “*A forma da escola segurar alunos, é às vezes passar por cima. Ela finge que não vê, pra manter os alunos na escola.*” A esse respeito, de acordo com Abramovay e Rua (2002, p. 35):

Há, também, os casos de não-aplicação das punições previstas nas normas escolares.[...] tal situação pode ocorrer por diversas razões, como a inoperância e a omissão da direção da escola. Mas consideram que não-raramente a pressão dos pais está por trás da impunidade.

Nesse sentido ainda, Abramovay et al. (2005, p. 166) dizem que “a escola nem sempre se mostra capaz de resolver o conflito da maneira mais adequada, uma vez que uma postura assumida pelas autoridades da escola parece ser a de minimizar ou desconsiderar a importância do ocorrido.”

Questionados se concordam com a forma de tratamento da escola diante das situações de violência, o resultado foi demonstrado da seguinte forma:

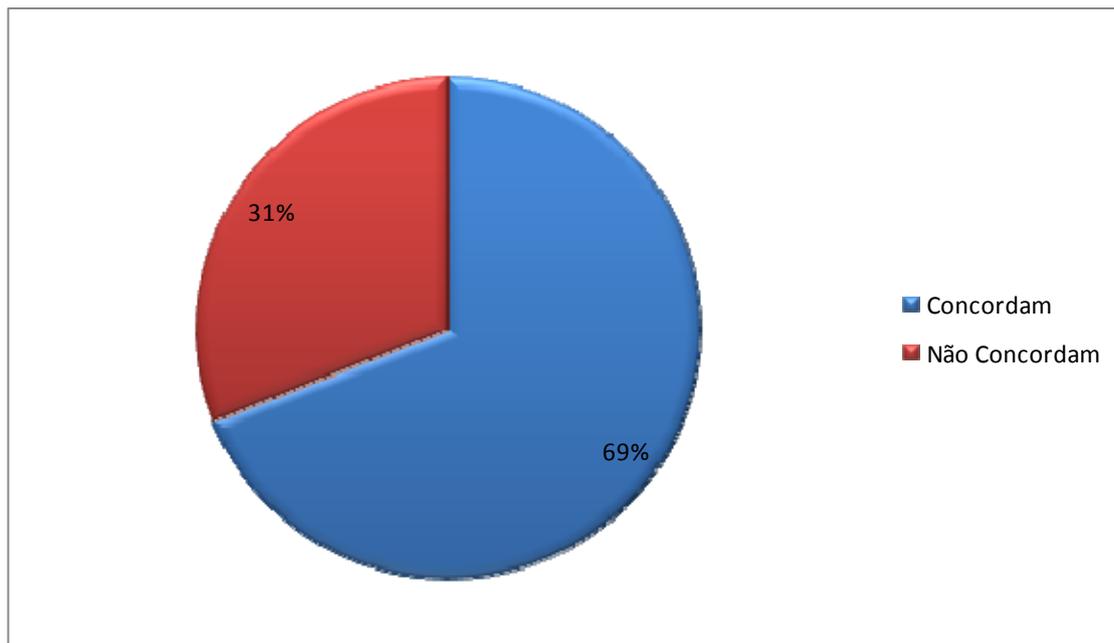


Figura III – Opinião quanto ao tratamento da escola em relação a violência.
Fonte: As autoras (2015)

Indagados sobre a existência de algum projeto para se evitar a violência na escola os docentes P1, P5, P7, P8, P9, P10, P11 e P12 (62%), relataram que a escola não tem nenhum projeto específico para trabalhar o tema. Os docentes P2, P3, P4 P6 e P13 (38%), disseram ter projetos que tratam da violência, estes são realizados pela Polícia Militar nas escolas (PROERJ) para trabalharem com o tema violência, drogas e valores. Abordados se houve a percepção de alguma mudança nos estudantes a partir destas intervenções, foram contatadas as respostas de alguns professores. A seguir:

Professores	Comentários em relação à percepção de mudança a partir das intervenções realizadas
P2	<i>“Grandes não, pequenas, é um trabalho de formiguinha, não é porque a escola tem um projeto de violência que ela vai sanar a violência não.”</i>
P6	<i>“A gente sempre consegue atingir um número considerável de alunos, não a todos.”</i>
P10	<i>“No começo sim, mas depois parece que esquecem!”</i>
P13	<i>“Olha, um pouco, 100% não, ainda falta muito apoio do Estado seria essencial!”</i>

Quadro III- Percepção de mudança a partir de intervenções
Fonte: As autoras (2015)

Lucinda, Nascimento e Candau (2001, p. 51), ressaltam que a partir do diálogo, quando opta-se pela postura de dar voz aos alunos, discutir o que eles pensam, suas experiências, etc., são fatores fundamentais para se desenvolver a construção de novas

intervenções na escola, formando principalmente “um ser social, capaz de falar, respeitar, de lutar pela transformação da sociedade.”

Em relação a reação das famílias quando são acionadas pela escola, de acordo com P6, estas respondem da seguinte forma: “*É, eu já não sei o que eu vou fazer mais com o meu filho, eu não estou aguentando, a gente vê que as famílias, a escola fica em torno de uma comunidade mais carente então a gente tem esses problemas.*” De acordo com Schilling (2010, p. 16):

Tratar a violência que ocorre nas famílias é uma das formas de prevenir a violência fatal, inclusive a criminal. [...] Violência, portanto, que acontece contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, o portador de deficiência, o doente mental. [...] refletindo assim, sobre outras violências estruturais, provocando formas de vitimização direta e indireta, que repercutem na atividade escolar da criança ou do jovem, sob a forma da indisciplina, do descaso, da dificuldade em aprender.

Perante o exposto, observou-se que o fenômeno da violência se encontra presente nas salas de aula das escolas estaduais da cidade de Ubá envolvidas nessa pesquisa, sendo que todos os entrevistados reconhecem os diversos tipos de violências existentes no ambiente escolar e a principal causa da ocorrência desses atos na visão destes é o meio no qual a criança e o adolescente se encontram. Consideram também, que boa parte da responsabilidade e influência, vem da postura das famílias. Foi constatado que as atitudes tomadas foram diversas e alguns professores não sabem de fato lidar com esse problema.

Embora a maioria das escolas estaduais da cidade de Ubá-MG não tenham projetos específicos da escola para trabalhar a violência, os professores entrevistados percebem a importância do tema, e acabam por tratá-lo em sala através de algumas aulas específicas, do diálogo, de forma interdisciplinar, ou através de notícias do cotidiano dos alunos. A partir daí, ensinam-lhes valores, e procuram, desta forma, melhorar o convívio em sala de aula, tanto com os colegas quanto com os professores, colaborando também para uma convivência mais agradável em espaços não escolares.

5. Considerações Finais

Pôde-se observar que existem várias concepções relacionadas ao conceito de violência dentro e fora da escola. Diante dos dados analisados observou-se que a maioria dos docentes afirma já ter sofrido a violência verbal por parte de algum aluno, sendo que naquele momento as atitudes tomadas foram muito distintas: alguns preferiram ignorar o problema, outros

levaram para a direção tomar providência e tiveram aqueles que resolveram através do diálogo em sala.

Constatou-se a partir das respostas analisadas que grande parte dos professores entrevistados disse já ter presenciado situações de violência no interior da escola, sendo ela física ou verbal. Quando indagados se esses atos são mais comuns entre o sexo feminino ou masculino, não houve uma predominância entre os sexos, mas quando ocorrem, entre meninos, os mais comuns são as agressões físicas e, entre meninas, as verbais.

Em relação às ações da escola, diante dos professores e da família no que concerne a violência, concluiu-se que as escolas resolvem estas situações através do diálogo com os alunos e responsáveis, sendo que estes são comunicados imediatamente através de ligações ou bilhetes para que compareçam na instituição de ensino. Foi constatado que as escolas estaduais da cidade de Ubá-MG: não possuem projeto específico criado para evitar ou amenizar a violência no ambiente escolar. Foi observado também que a maioria dos docentes relataram trabalhar o tema violência em sala de aula através de situações que ocorrem no cotidiano dos alunos, de forma interdisciplinar e com o apoio de outra instituição, neste caso, a Polícia Militar.

O resultado da pesquisa possibilitou a compreensão de que a violência tem se tornado um grande desafio a ser enfrentado pelos professores e toda comunidade escolar, se manifestando de diferentes formas. Pode-se perceber que não há uma causa ou um fator predominante para que ela se manifeste.

Conclui-se, portanto, que os dados apresentados responderam a problemática que dirigiu esta pesquisa. Percebe-se que, de fato, os docentes apresentaram ter conhecimento do que é violência dentro e fora da escola. Para grande parte dos docentes a violência é qualquer forma de agressão, seja ela verbal, física, psicológica ou virtual, sendo que o meio em que o aluno está inserido é um fator determinante para a ocorrência desses atos na escola.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

_____. et al. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: Unesco, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < <http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> >. Acesso em 21 de Novembro de 2015.

CAMACHO, L.M.Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, SP, v.27, n.1, p.123-140, Jan. 2001.

CEIEVCCA. Comissão Estadual Interinstitucional de Enfretamento à violência Contra Crianças e Adolescentes. Cenários atuais do enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes no Paraná. In: SEED. **Enfrentamento à violência na escola**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos - Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172. *Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos*. ISBN: 978.85-8015006-3. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_violencia_vol1.pdf>. Acesso em 15 de Novembro de 2015.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Interface*, Porto Alegre, RS, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>>. Acesso em 11 de Setembro de 2015.

COSTA, Jurandir F. **Violência e Psicanálise**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (Org) et al. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.
Disponível em: < <http://www.unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf> >. Acesso em 11 de Setembro de 2015.

GIL, Antônio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
GONÇALVES, José. A. Desenvolvimento profissional e carreira docente: Fases da carreira, currículo e supervisão. *Revista de Ciências da Educação*, nº 8, p. 23-36, jan/abr. 2009.

HABIGZANG, Luísa. F; KOLLER, Sílvia. H. **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para Pesquisa & Desenvolvimento: Aplicada a novas tecnologias, produtos e processos**. AB:Rio de Janeiro, 2004.

LUCINDA, M. C; NASCIMENTO, M. G; CANDAU, V.M. **Escola e Violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARENTE, Darós; DO VALLE, Cláudia da Mota; RIBEIRO, Luiza Elena; DE MATTOS, Maria José Viana Marinho. A Formação de Professores e seus Desafios Frente às Mudanças Sociais, Políticas e Tecnológicas. *Penso*, 2015. Disponível em: <<http://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788584290130>>. Acesso em 21 de Novembro de 2015.

PERRENOUD, Philippe, THURLER, Mônica Ghatet. **As Competências para Ensinar no Século XXI**. ArtMed, 2002.

Disponível em:<<http://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536309460/page/1>>. Acesso em 21 de novembro de 2015.

SCHILLING, Flávia. Parte I- uma abordagem sobre a violência indisciplina e o desafio dos direitos humanos nas escolas. In: SEED. **Enfrentamento à violência na escola**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos - Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172. *Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos*. ISBN: 978.85-8015006-3. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_violencia_vol1.pdf>. Acesso em 18 de Novembro de 2015.

TOLEDO, S. Gilson. **Produtores Integrados na Zona a Mata Mineira**: uma análise sobre as novas fórmulas de sociabilidade rural. Transformações no cotidiano decorrente da produção integrada. Viçosa, 2012.